

Arte e Pedagogia Contemporâneas: ensinar e aprender com todos

Roberta Rocha Borges¹

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5562-5337>

Maria Sandra de Oliveira²

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5290-1455>

Roberta Puccetti³

<https://orcid.org/0000000293749648>

Resumo

Este ensaio propõe alguns desafios aos educadores.... Desafia a nossa reflexão, os nossos conceitos, as nossas ações, as práticas cristalizadas. A proposta é que estejamos abertos para pensar, articular, estabelecer relações, conexões diferentes e criativas. Desafia a olhar para nossa ação docente e refletir sobre a importância de mudarmos e deslocarmos nosso olhar para a Arte e a Pedagogia e suas importâncias no processo de ensinar e apreender na ação pedagógica. Como está o seu contexto e sua ação pedagógica? Em que contexto de aprendizagem estamos inseridos? O que envolve a aprendizagem? Qual é o papel da arte na construção do conhecimento em uma pedagogia contemporânea que abarque todos os educandos indistintamente? Sobre estas questões debruça-se este texto.

Palavras-chave: arte; ensino; inclusão.

Abstract

This essay proposes some challenges to educators.... It challenges our reflection, our concepts, as our actions, as practical practices. The proposal is that we are open to think, articulate, establish, different and creative connections. It challenges to look at our teacher and reflect on the importance of changing and changing our view of Art and Pedagogy and its actions in the process of teaching and learning in pedagogical action. How is your context and your pedagogical action? In which learning context are we inserted? What does learning involve? What is the role of art in the construction of knowledge in a contemporary pedagogy that encompasses all students without distinction? This text focuses on these questions.

Keywords: art; teaching; inclusion.

1 Introdução

Ensinar e aprender com TODOS exige compreendermos que cada pessoa em sua singularidade e também multiplicidades de ser e devir, se interessa, cria, inventa e reinventa segundo suas próprias capacidades, segundo aquilo que lhe toca e lhe transpassa enquanto experiência. Sabedores de que não há uma fórmula a ser reproduzida, repetida por todos como prova de que algo fora aprendido, pois que, afinal, aprender não significa reproduzir algum saber ou conteúdo que o outro lhe transmitira, nos aproximamos de uma abordagem educativa

¹ Doutora em Educação pela UNICAMP, Coordenadora do Programa de Estudos em Políticas Públicas para a Educação Infantil - PEPPEI do NEPP/UNICAMP. E-mail: borgesrocha@gmail.com

² Doutoranda em Educação pela UNICAMP. Mestre em Educação/UNISAL. Gestora Educacional e Formadora de professores no CEFEMS/SP E-mail: m077774@dac.unicamp.br

³ Doutora em Educação pela UNICAMP. Pesquisadora do NEEP/UNICAMP, docente na Universidade Estadual de Londrina/UUEL. E-mail: rpuccetti@uel.br

que contempla a Todos em seus modos, formas, tempos de ser e estar, em suas jornadas pessoais de investigação, em outras palavras, em seus processos de ‘aprendência’.

Nessa perspectiva, de um pensamento livre, criativo, sobre o ato de aprender e de ensinar – para além de resultados prévios estabelecidos, adentramos no território de uma poética que envolve o aprender e o ensinar; adentramos ao campo da Arte como linguagem, como fonte, modo e forma de ser, estar, existir no mundo.

No encontro, da Pedagogia com a Arte, a partir das premissas aqui apresentadas, podemos promover contextos ricos para uma comunidade de aprendizagem que contemple educadores, crianças, e famílias, pois que, a Arte em suas linguagens apoiará essa Pedagogia que liberta a todos para aprender e ensinar na companhia uns dos outros, sem as amarras da lógica cartesiana de um currículo engessado e prescrito, mas acolhidas pelos devires da linguagem criadora e acolhedora que é genuinamente a linguagem da Arte em suas várias formas de possibilitar as multiplicidades de olhares, expressões, criações.

Pedagogia e Arte entrelaçadas, desse modo, são o lastro fundamental para a proposição de um aprender e ensinar a Todos e com Todos, à medida que, por meio desta linguagem (da Arte) criadora, criativa e potencializadora de múltiplas experiências, oportunizamos experiências de escuta, expressão, de composição de saberes diversos em torno de um objeto de estudo e investigação na companhia uns dos outros.

Numa abordagem que evidencia esse encontro da Arte e Pedagogia como potencializadoras de cenários de aprendizagem para Todos, apontamos a pedagogia da pesquisa com crianças. Aqui, pesquisar com crianças, significa estar disposto a escutar as curiosidades que essas carregam consigo, promover contextos que propiciem a investigação e aprofundamento dessas curiosidades, significa guiar a atenção dos pequenos de modo que os seus objetos de interesse possam ser explorados de modo aprofundado, criativo e essas jornadas permitam que Todos extraíam desse contexto de pesquisa, experiências de aprender algo, criar conexões e reinvenções de si e do mundo.

É nessa perspectiva que seguimos com nossas provocações sobre a Arte e Pedagogia contemporâneas na promoção de contextos de pesquisa com Todas as crianças, onde todos podem aprender e ensinar com todos.

2 Sobre o pensamento que demanda partilha de pensamentos: fios e conexões

A aprendizagem deve estar em um contexto rico, desafiador, que constrói e desconstrói, que cria e busca algo novo. Esse contexto de aprendizagem envolve a escuta sensível - que significa escutar os alunos e a nós mesmos, nos leva à uma vivência de experiências que nos permite trocas, ampliação de repertório e do nosso olhar perante o mundo. Isso nos convida a uma investigação, a uma curiosidade, uma inquietação que nos move a sair do contexto já pré-estabelecido e romper com o que já sabemos e já conhecemos. Esse contexto de aprendizagem envolve um efetivo compartilhamento de saberes, processos mentais que articulam o pensamento, fazem conexões e abrem as portas para a criação, trazendo transdisciplinaridade e inserindo em uma concepção de coletivo. A saber, uma concepção de ensinar e aprender com Todos, na companhia uns dos outros, segundo as próprias potencialidades, linguagens e habilidades de cada qual e cada qual COM o outro.

A aprendizagem envolve mudança de olhar: um olhar observador, sensível, político, coletivo, pesquisador e criador onde a experiência tem um lugar importante no processo. Olhar para quem? Nos olharmos e olharmos o outro. O olhar COM o outro.

Cada partícula do nosso olhar carrega consigo o nosso conhecer, as nossas ações, as nossas experiências, a nossa expressão, bem como as nossas limitações. E, é a partir das vivências e potencialidades de cada um, que o nosso ‘olhar’ cria corpo e se constrói.

Ao ‘olhar’, o observar desencadeia um diálogo, um conhecer, um processo de criação. Isso não é algo casual nem passivo, envolve os sentidos e suas relações e conexões. É necessário ter um olhar aprofundado para aprender as características do que se observa pois, o potencial do olhar sensível torna diferente a ação pedagógica e torna diferente também as relações vividas nessa ação pedagógica.

Podemos potencializar esse ‘olhar’ por meio da exploração das experiências, envolvendo as investigações, intervenções, diálogos, trazendo a possibilidade de fruição, as reflexões num processo de transformações e criação para construção de saberes.

[...] aproximaremos o olhar da lente de aumento que nos é fornecida pelo artista [...] temos que a partir da sensibilidade, da percepção física e conceitual e também do sentimento de desconforto que o tecido íntimo das coisas provoca, vez por outra, na trama epidérmica da subjetividade. É do nosso corpo que falamos quando tratamos de estética. Desse ponto de vista, podemos entender um pouco melhor o que quer dizer arte: o trabalho da arte é construir antenas (BERARDI BIFO; SARTI, 2008, p.9).

Essa mudança de ‘olhar’ é: perceber, sentir, é existir, é conviver; vai além da ação, relação de enxergar; é a nossa condição de RESPEITO com o outro. É “colocar-se no lugar do outro”, demanda um olhar sensível, ponderado, interessado. Requer reflexão e é sinuoso. É por meio do olhar que percebemos o imperceptível. O olhar também perturba, angustia, instiga, prende a atenção, provoca reação e remete ao pensar.

Pensar é inerente ao ser humano. O pensar desencadeia a necessidade de conexões que levam às reflexões. É importante estar em “estado” de reflexão para se “aprender” e transformar, nessa direção aponta Rancière (2002), quando nos diz que é necessário estar em estado de atenção para que possamos aprender algo.

Pensar é estabelecer conexões, relações entre coisas, elementos em seus diversos aspectos. Por isso, ao pensar (prestar atenção), criam-se inúmeras conexões e o sujeito, ao estabelecê-las, evidencia suas escolhas, evidencia qualidades, olhares, abordagens que são sempre diferentes de outros.

O pensamento não é arborescente e o cérebro não é uma matéria enraizada nem ramificada. O que se chama equivocadamente de "dendritos" não assegura uma conexão dos neurônios num tecido contínuo. A descontinuidade das células, o papel dos axônios, o funcionamento das sinapses, a existência de microfendas sinápticas, os saltos de cada mensagem por cima destas fendas fazem do cérebro uma multiplicidade que, no seu plano de consistência ou em sua articulação, banha todo um sistema, probabilístico incerto, *un certain nervous system* (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.24, grifos do autor).

Para os autores supracitados, pensamento é a relação com o caos. Esses diferentes modos de pensar e de confrontar o caos, não são mais do que a constatação do caos como uma realidade em si. Pensar é dar consistência ao caos. Não uma relação de exclusão, mas pelo contrário, de inclusão. Pensa-se contra o caos, mas também com o caos, uma vez que, para Deleuze, ‘pensar e ser’ são uma e mesma coisa.

O pensamento ramifica. Calcadas nas concepções de Deleuze e Guattari, partimos da ideia de que o pensamento ramifica, cria conexões, sistematiza e articula. O problema (o desafio) para Deleuze é o motor do pensamento.

O pensamento exige que o pensador seja um amigo, para que o pensamento seja partilhado em si mesmo e possa se exercer. É o pensamento mesmo que exige esta partilha de pensamento entre amigos. Não são mais determinações empíricas, psicológicas e sociais, ainda menos abstrações, mas intercessores, cristais ou germes de pensamento (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 92).

Se o ‘problema’ é o motor para o pensamento, trazemos aqui a importância de um trabalho de pesquisa e suas relações com a Arte que nos leve ao processo de ensino e aprendizagem inclusivo.

3 Arte e Pedagogia apoiando as pesquisas com (Todas) as crianças

Baseado nas abordagens Reggianas, o processo de aprendizagem passa por essa ideia de desafios, pela investigação, pela escuta em um contexto de observação e leitura. Demanda o partir de perguntas bem elaboradas para desencadear as ideias, pensamentos, conexões e aprofundamentos do contexto investigativo; transbordando nas ações, fazeres que envolvem materiais inteligentes, que visam um movimento de criação, ou seja, busca de algo novo. Portanto, é um processo aberto e em constante transformação.

Neste cenário, acreditamos que “o educador deve ser um inventor e um reinventor constante desses meios e desses caminhos com os quais facilite mais e mais a problematização do objeto a ser desvelado e finalmente aprendido pelos educadores” (FREIRE, 1978, p. 12).

É aquele professor que valoriza o cotidiano ativo, propõe desafios reais, que interroga, que projeta as aprendizagens a partir da escuta das crianças, que educa; que organiza; que respeita o tempo, que envolve a todos, que respeita as trocas sociais, que acolhe os desafios mais simples, que possibilita escolher, objetivando atos e processos criativos.

Nesses processos criativos está a importância da integração e conexão entre a Arte e a Pedagogia em um projeto educativo contemporâneo. Para Malaguzzi (*apud* Hoyuelos, 2020) a estética (visível pelas linguagens da arte) é um elemento da própria experiência humana. A partir da concepção de que a “ arte é um modo de organização da experiência humana, diz-se que é um conhecimento intuitivo, pois toda intuição tem caráter de descoberta, seja de um objeto, de uma ideia ou de um sentimento” (ARANHA; MARTINS, 1993, p.345). Então, podemos enfatizar a importância da experiência não como uma atividade pela atividade, mas algo segundo Larrosa (Bondía Larrosa, 2002) que nos toca, que nos acontece.

A articulação entre Arte e Pedagogia também nos leva a trazer novas linguagens para o cotidiano escolar; pois um novo repertório imagético e novos vocabulários passam a habitar o ambiente escolar. Assim, a Arte é uma das linguagens, a poética que costura as relações entre a *práxis* e a *poiesis* na busca da criação e da expressão nos caminhos poéticos da *pesquisa*.

Nessas relações, o fazer, o conhecer, a expressão e a criação, fazem parte do processo de ensino e aprendizagem para construção do conhecimento baseado na Arte. Ao fazer, produzir, articulamos o pensar e o sentir a expressão, acontecendo assim a organização, ordenação do pensamento, sendo a imagem inserida na história pessoal e social do aluno.

Ressaltamos, portanto, a importância dos ateliês no processo de ensinar e aprender em uma fala de Vecchi (2017, p. 61),

[...] o ateliê deveria ser considerado como *aquela que garante os processos*, nos quais nunca sejam separados os aspectos cognitivos dos expressivos, e nunca seja separado o racional da intuição, procurando manter ativos o maravilhamento e a emoção que a aprendizagem produz.

Mesmo porque para Castanho (1982, p.17) “Arte é conhecimento, pois no fazer artístico estão presentes processos mentais de raciocínio, memória, imaginação, abstração, comparação, generalização, dedução, indução e esquematização”. No entanto, a Arte não é só execução (fazer), mas, a integração entre o fazer, o conhecimento, a expressão e a criação. Segundo Pareyson (1984, p. 121),

A arte não é somente executar, produzir, realizar e o simplesmente fazer... É também invenção...Ela revela frequentemente um sentido das coisas e faz com que um particular fale de modo novo e inesperado, ensina uma nova maneira de

olhar e ver a realidade; e estes olhares são reveladores sobretudo porque são construtivos.

A arte é uma das áreas do conhecimento extremamente importante para o desenvolvimento humano, pois, possibilita cultivar uma das mais belas e preciosas funções da inteligência: a criação de algo novo. A arte abre a possibilidade de tirar da mente humana um pensamento ou uma ideia, criá-la e materializá-la. Assim entendemos a arte como a síntese de um processo vital que revela a força e a criatividade da vida e do ser humano.

Nessa perspectiva, a arte nas escolas deve caminhar em estreito diálogo com os caminhos da pesquisa, pois é nessa interação entre a arte e o método científico que nasce o entendimento alargado de que a arte é uma linguagem essencial na escola.

Na Educação Infantil, a arte faz parte das ações das crianças. Naturalmente, elas desejam criar, expressar-se, dar forma aos seus pensamentos, sentimentos e materializá-los. Não podemos deixar que essa linguagem humana, tão formidável e indispensável, seja empregada incorretamente na infância, se isso ocorrer estamos ameaçados a perder esse patrimônio inato.

Assim, devemos levar a arte para as escolas de educação infantil, não na sua superficialidade. Mas sim, na sua complexidade, pois quando não ampliamos o nosso conceito de arte, corremos o risco de transportar para a escola, práticas empobrecidas, que fomos criando erroneamente ao longo do tempo. Quais são essas práticas "artísticas" que devemos abominar na escola de Educação Infantil?

- A reprodução ou releitura de obras de arte de grandes artistas;
- Cópias de desenho da cultura infantilizada e estereotipada dos adultos reveladas nas paredes e em painéis da escola;
- Pobreza na identidade de cores dos brinquedos internos e externos da escola: azul, amarelo, vermelho e verde;
- Materiais escolares infantis de arte, como por exemplo tintas e lápis sem qualidade ou réplicas de instrumentos musicais de plásticos;
- Materiais empobrecidos, como EVA, papel crepom, fantasias de personagens pré-prontas e outros;
- Cópias (de obras) feitas com sucata; etc....

Por outro lado, se aprofundarmos o conceito de arte, tal qual iniciamos o diálogo nesse texto, começaremos a avistar a grandeza e a beleza dos princípios da arte nascendo na escola. E além disso, a gênese do processo de criação humana pelas mãos e mentes das crianças, e nesse processo vamos admirando a singularidade e as diferenças de cada um e de todos simultaneamente.

Isso posto, perguntamo-nos: Como podemos levar a arte para a escola de Educação Infantil num sentido mais aprofundado?

- Entendendo que, o ser humano, para compreender algo, conecta diversas linguagens e a arte é uma linguagem transversal a todas as demais;
- Estudar e entender os conceitos de estética, beleza, harmonia, criação, ateliê, fruição, curadoria, mostra;
- Montar bons contextos de aprendizados, que tenham como princípio o diálogo entre a arte e a pesquisa;
- Compreender que, no processo criativo, é preciso tempo para o refinamento do pensamento. (Criar uma grande "obra de arte" leva semanas, meses, ou até anos);
- Aprender a fruir coisas, objetos, a natureza, as obras de arte;
- Jogar-se na experiência da criação de algo novo;
- Aprender a ler uma obra de arte, o que a criança sente quando vê uma grande obra?
- Ter contato com muitas linguagens artísticas: a música, a arte visual, a dança, a poesia...
- Trabalhar com materiais que indagam o pensamento;

- Ampliar os materiais e os instrumentos da área da arte na escola;
- Propor experiências ousadas para as crianças, como faríamos para grandes artistas;
- Praticar o exercício da curadoria das obras de arte que nascem na escola;
- Promover mostras da cultura da infância, etc.

Quando transportamos essa forma atitudinal para o trabalho cotidiano das escolas, ou melhor dizendo, estabelecendo uma relação sensível e empática com a qual a arte nos presenteia, começamos a transformar o nosso entorno. Alargamos o nosso olhar e o modo de estar e fazer a escola, começamos a fazer escolas percebendo a harmonia, o cuidado, a estética, a beleza, e o prazer da criação para a mente e os sentidos. A “arte se encarrega do conceito da dimensão estética que pressupõe um olhar que descobre, que admira e se emociona, é o contrário da indiferença, do desleixo, do conformismo” (VECCHI, 2017, p.1).

Defendemos uma escola de Educação Infantil que dê o direito a TODOS os meninos e TODAS as meninas terem experiência em/com/na arte nesse período tão essencial de suas vidas. Então, levemos para as nossas escolas essa forma de trabalho tão sensível e inovador. Mas, como podemos fazer isso? O exemplo de uma narrativa, dessa forma de realizar o trabalho da arte dialogando com a pesquisa na escola poderá nos ajudar a compreender de que maneira podemos iniciar esse processo na escola.

4 Narrativa de uma experiência ⁴

A proposta de trabalho para aquele dia era para as crianças dialogarem e pensarem como elas poderiam em um muro branco que há na escola, transformá-lo em um espaço acolhedor para as crianças que chegariam no próximo ano à escola. A pergunta da professora, na roda da assembleia inicial foi: - Que mensagem vocês gostariam de deixar no muro da escola para outras crianças que farão parte da nossa escola no próximo ano?

Em um diálogo profícuo entre as crianças e a professora, surgem muitas ideias, sentimentos, memórias das brincadeiras que realizam no parque e, sobretudo, os pensamentos da pesquisa que estão desenvolvendo sobre a natureza. São muitos elementos que as crianças trazem. Em um determinado momento, a professora pergunta a elas:

- Como podemos representar nossas ideias, vocês trouxeram tantos pensamentos?

Vítor diz: “- A gente pode desenhar, a gente pensa, e faz o que estamos pensando”.

A professora pergunta novamente: usando um desenho, por exemplo? Vítor diz: “Isso, pensa e desenha!”

Foto 1 – Muro branco onde se dará a instalação criada pelas crianças



Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2021.

⁴ Na Escola Prima - Salto/SP. <https://www.youtube.com/c/EscolaPrima> Apoiada pela mestrandia Paula F. Ourique de C. Baldy, o mestre atelierista Murilo Braga e a pedagoga Fernanda M. Yamamoto da Silva, juntos às crianças (5 e 6 anos), no ano de 2021. Saiba mais em <https://youtu.be/HCDI-l7Bztw>

Foto 2 - Assembleia para decidir o quê as crianças fariam no muro



Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2021.

O diálogo nos mostra a relevância de materializar os pensamentos das crianças a partir da linguagem, por exemplo, o desenho, para melhor compreender alguma coisa.

Então a professora diz: “O Vitor deu uma boa ideia, fazer um desenho”.

Logo, José Pedro fala: “- Eu vou fazer um escorregador e para subir umas escadas tipo um túnel”.

Laís entra no diálogo e diz: “- A gente pode desenhar o que a gente faz”. A professora pergunta: “- E o que a gente faz Laís?”. Laís responde: “- Podemos fazer um desenho de tudo que a gente faz na escola. As brincadeiras na escola”.

Então Isabela completa: “- Seria bom a gente desenhar as coisas que são boas para as crianças: (...) o que elas gostam de fazer!”. Daniel nessa hora, diz: “- Eu queria desenhar meus amigos brincando comigo, de uma coisa muito engraçada”.

Já Lorenzo traz outros elementos do contorno das brincadeiras que ocorrem no parque da escola, ele fala: “- Vamos fazer umas flores” ao que Vitor completa rapidamente: “- A grama, o céu, um sol sorridente”. Lorenzo diz ainda: “- Uma pessoa andando”.

Vicente, querendo participar do diálogo, pega uma brecha no pensamento do Lourenzo e finaliza: “- Uma pessoa andando, em um jardim”.

Diante de tantas ideias, a professora organiza, então, um primeiro momento de um contexto para dar forma aos pensamentos das crianças.

Fotos 3 e 4 – As crianças dão forma aos seus pensamentos através do registro pictórico



Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2021.

A tarefa parece não ser tão fácil para as crianças, pois quando vão realizando os seus desenhos, nem sempre o pensamento condiz com aquilo que eles gostariam de fazer. Parece que falta uma ação anterior. E nesse sentido, nasce o diálogo entre o professor pesquisador e o atelierista. Pensar juntos o próximo passo para ir dando uma forma mais real que a criança gostaria de dar ao seu desenho. Afinal, desenhar uma criança brincando, por exemplo, em um escorregador, não é tão simples assim. Esses dois profissionais decidem então, viverem a experiência de escorregar e nessa observação de crianças escorregando, realizar o desenho.

Fotos 5 e 6 - Desenho das brincadeiras diante da experiência de escorregar



Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2021.

Nesse movimento, tão significativo que as crianças vão realizando, nascem os desenhos que elas vão selecionando e aperfeiçoando para compor o muro da escola.

Por meio dessa breve e peculiar narrativa, vamos, portanto, compreendendo como nasce o diálogo entre a arte e a pesquisa das crianças. Algumas perguntas ressoam como pontos de reflexão: “A arte contribui para potencializar a cultura da infância? Os materiais artísticos nos possibilitam ampliar o nosso olhar para trazer novos e diferentes materiais para a escola? A arte nos oportuniza refinar a elaboração das obras de arte e os pensamentos das crianças? Como é possível trazer o conceito de curadoria para dentro da escola?”

Foto 7 – Resultado final: muro com decalque dos desenhos feitos pelas crianças.⁵



Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2021.

Maiores informações sobre o desenvolvimento desta pesquisa que une arte e pedagogia contemporânea podem ser encontradas na *live* disponibilizada no site da escola Prima onde todo esse projeto foi experienciado. Disponível no canal do YouTube dessa mesma escola, <https://youtu.be/HCdI-17Bztw>. Ressaltamos que nessa breve experiência relatada, a turma de era composta por crianças em suas várias características de ser e estar. Tínhamos criança do espectro autista, criança com síndrome de *down*, assim como com inúmeras outras características próprias de cada qual, mas em nenhum momento essas características são tomadas por engessamento de uma identidade ou para justificar a exclusão das mesmas da pesquisa realizada pela turma. Todos em suas formas de ser, sendo, aprendendo e convivendo juntos.

⁵ Nesta imagem vemos a representação dos brinquedos e das brincadeiras que as crianças gostam de realizar na escola: um escorregador, duas crianças brincando na gangorra, um grupo de crianças pulando corda, uma figura humana com braços abertos oferecendo um abraço, um céu com nuvens e sol sorridentes, um passarinho e um grande e generoso SEJAM BEM-VINDOS À ESCOLA PRIMA.

5 Considerações finais

Arte e Pedagogia possuem fios que conectam nosso modo de olhar, sentir, pensar, fazer, aprender, ensinar. É necessário acolher esses fios, aprofundar nosso fiar, nosso con-fiar, nosso estar inteiramente com os outros, com todos outros.

Desenvolvermos uma pedagogia-arte ou uma arte-pedagogia que ampare os processos de pesquisar das crianças, exige de nós olhares mais sensíveis, mais atentos e cuidadosos. Fazendo isso, estaremos naturalmente acolhendo a todos em suas linguagens, potencialidades e formas de serem e estarem no mundo.

Ao fazermos uma pedagogia-arte contemporânea por esses modos de caminhar, estaremos necessariamente fazendo uma educação infantil para todas nossas crianças. Arte e Pedagogia, fios que conectam saberes, modos, e conectam sobretudo, pessoas às pessoas... Como estão nossas conexões? Nossos olhares? Nossos fazeres? Ei-lo nossas provocações.

Referências

ARANHA, M. L.A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: Introdução à filosofia. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

BERARDI, B.; SARTI, A. **Run**: forma, vita, ricombinazione. Milano: Mimesis, 2008.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira da Educação**, Rio de Janeiro, ANPED, n. 19, :, jan.-abr. 2002.

CASTANHO, M. E. L.M. **Arte-Educação e intelectualidade da arte**. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação Unicamp, 1982.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 1.

FREIRE, P. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

HOYUELOS, A. **A estética no Pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi**. São Paulo: Phorte, 2020

LEPED, Canal do Youtube. **Live Inclusão na Educação Infantil: um diálogo entre a Arte e a Pedagogia**. Disponível em <https://youtu.be/HCdl-17Bztw>. Acesso em: 5 out. 2022.

PAREYSON, L. **Os Problemas da Estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

RANCIERE, J. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

VECCHI, V. **Arte e criatividade em Reggio Emília**: explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância. São Paulo: Phorte, 2017.